



O intérprete de Libras LGBTIA+ na educação de pessoas surdas: o agir ético de um corpo transgressivo

The LGBTIA+ Libras interpreter on the education of deaf people: the ethical act of a transgressive body

Fábio Augusto Teixeira Rodrigues

Felipe Andrei dos Santos Dias

José Anchieta de Oliveira Bentes

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Belém/PA-Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar os posicionamentos de um intérprete de Libras LGBTIA+ sobre as orientações técnicas, contidas nas diretrizes do agir profissional da categoria. O referencial teórico está alicerçado na filosofia do ato, do filósofo russo Mikhail Bakhtin (2017a; 2017b; 2017c). Trata-se de uma pesquisa de campo em que o instrumento metodológico utilizado foi a entrevista semiestruturada. Os resultados apontam para a constituição intersubjetiva da pessoa intérprete de Libras, com ênfase em uma noção de neutralidade versus imparcialidade, à qual é oriunda de um discurso cristão-evangélico. Bem como para a ação responsável do participante, pautada no exercício, transgressivo, de um agir profissional concreto, que atua mobilizando todos os valores que o constituem, de modo a instaurar uma tensão com o discurso oficial.

Palavras-chave: Intérprete de Libras LGBTIA+; Discurso oficial; Tensão.

Abstract

This article aims to analyze an LGBTIA+ Libras interpreter positions according to the orientations that follow the norms inside the professional class. the theoretical framework is based on the philosophy of the Act by the Russian philosopher, Mikhail Bakhtin (2017a; 2017b; 2017c). The methodology presented in this work is based on field research and a semi-structured interview was used as methodological instrument. The results found in this study indicate a intersubjectivity that constitutes a Libras interpreter as an individual, which emphasizes a neutrality impartiality notion and it is supported on a religious discourse as well as its participant actions involved, and a transgressive practice of the professional who works mobilizing values in order to stablish a tension to a main discourse.

Keywords: LGBTIA+ Libras (Brazilian Sign Language) Interpreter; Main Discourse; Tension.

Introdução

Um dos agentes da educação de pessoas surdas – existem outros como os do Atendimento Educacional Especializado, o docente regente da turma – é o profissional intérprete. Esse agente pode exercer um papel fundamental para o desenvolvimento da acessibilidade linguístico-comunicacional das pessoas surdas, garantindo o acesso pleno destas pessoas ao conteúdo e às interações em sala de aula, traduzindo e estabelecendo relações entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa oral e escrito.

Conforme Albres e Jung (2023), o processo de expansão da língua de sinais ocorre no espaço religioso, sobretudo a partir das igrejas evangélicas, pois estas foram lugares que se notabilizaram na promoção da língua por meio da oferta de cursos. Com isso, houve uma migração de pessoas surdas para esses espaços, o que favoreceu o surgimento do profissional intérprete de Libras, ainda como exercício voluntário, a partir da necessidade de tornar acessíveis os sermões religiosos.

Com o decorrer do tempo, os movimentos de pessoas surdas, mediante as lutas e a pressões exercidas pelos coletivos protagonizados por suas lideranças, conseguem adentrar em alguns espaços sociais, o que favoreceu, posteriormente, uma organização do ponto de vista da categoria profissional de intérprete de Libras. Assim, emerge o que se convencionou chamar de “código de ética” dos intérpretes de Libras, no sentido de orientar com diretrizes para a atuação de modo sistematizado.

Como consequência da institucionalização desse código – na primeira década de 2000 com a criação da Federação Brasileira das Associações de Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS) –, a categoria irá se organizar de modo a padronizar a atuação profissional, o que irá ganhar robustez à medida que algumas premissas são assumidas pela comunidade de profissionais, como é o caso da premissa de que o intérprete de Libras deve assumir uma suposta “neutralidade” durante sua atuação. E isso será fortalecido quando é integrado pelos documentos oficiais, logo, assume um tom de palavra de autoridade.

No entanto, essa premissa traz um discurso que remonta o momento em que emerge a necessidade desse profissional, ainda na igreja cristã-evangélica. Foi mantida essa valoração de um corpo neutro, que irá afetar pessoas constituídas de outras corporeidades, consideradas fora dos padrões aceitos pelo regime heterossexual (Butler, 2003). Diante disso,

este artigo tem por objetivo analisar os posicionamentos de um intérprete de Libras LGBTIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Travestis, Assexuais, Interssexo e outras identidades – sobre as orientações técnicas contidas nas diretrizes oficiais do agir profissional da categoria.

O artigo está assim organizado: há uma seção de metodologia, intitulada “a concretude do fazer pesquisa”; com as etapas do percurso metodológico; após, a seção designada “o intérprete de Libras LGBTIA+: a concretude do agir ético”, com as análises a partir dos enunciados expresso pelo participante; e as considerações finais.

A concretude do fazer pesquisa

Esta seção tem por objetivo apresentar o percurso metodológico de realização desta pesquisa. Assim, vamos apresentar o referencial teórico-metodológico, baseado na filosofia do ato; o tipo de pesquisa, o procedimento ético utilizado, no sentido da ética da pesquisa, a apresentação do participante e como ocorreu o processo de coleta dos enunciados, que foi por meio da entrevista.

Mikhail Bakhtin – nosso filósofo das diversas linguagens que utilizamos para embasar esta análise – entre os anos de 1920 e 1924, conforme Sobral (2019), escreveu o que ficou conhecido como **Para Uma Filosofia do Ato Responsável** – doravante PFAR, obra de conteúdo denso, em que o ator dialoga com vários filósofos, como Aristóteles, Kant, Marx entre outros. Esse trabalho também ficou notabilizado por se alicerçar em uma crítica a filosofia contemporânea da época, que estava orientada para um viés estritamente teórico-positivista, sem conceber a singularidade do agir concreto.

Essa obra consiste em um empreendimento de crítica a compreensão de um suposto agir fortuito, sem a intencionalidade do sujeito executor. Nas palavras de Adail Sobral (2019, p. 26), a perspectiva filosófica de Bakhtin é concebida como “a proposição da assunção de responsabilidade pelo sujeito como condição de resolução da crise da cultura, definida precisamente como a cisão entre o mundo da cultura e o mundo da vida”.

Com base nessa premissa, compreendemos a filosofia do ato como uma perspectiva comprometida com a compreensão na sua dimensão concreta, o que nos permite pensarmos em um sujeito com um agir na vida, dessa forma, as esferas da atividade humana, a concretude, e a cultura se articulam para a composição de um ato responsável, o qual está demarcado em seus traços repetíveis e irrepetíveis, no caso, a ação de dizer e o ato de dizer, respectivamente.

Sobre a concepção de ato, Bakhtin (2017a), em PFAR, argumentou:

O intérprete de Libras LGBTIA+ na educação de pessoas surdas: o agir ético de um corpo transgressivo

O ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir; deve encontrar a unidade de uma responsabilidade bidirecional seja em relação ao conteúdo (responsabilidade especial), seja em relação ao seu existir (responsabilidade moral), de modo que a responsabilidade especial deve ser um momento incorporado de uma única e unitária responsabilidade moral. Somente assim pode superar a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida (Bakhtin, 2017a, p. 43-44).

Dessa maneira, o autor argumenta para concebermos o ato enquanto um todo, constituído de um caráter geral, que consiste no seu conteúdo, e um caráter singular, o existir como um evento único na vida. Com isso, podemos observar como a conceituação de ato está composta de dois planos, o do “conteúdo” e o do “existir”, os quais se articulam de modo a resultarem em uma unidade: a ética responsiva, marcada pela singularidade de um sujeito concreto.

Essa unidade, defendida por Bakhtin (2017a), é uma premissa bastante expressiva para a época, pois pode ser vista como uma ruptura na filosofia contemporânea, uma vez que o autor propõe exceder o teoriticismo, rompendo com visões rígidas e lineares de progresso positivistas para explicar a realidade social. Em contraste, o autor russo, argumenta para o reconhecimento do teórico como um dos campos que constituem o ato, porém não é o seu fator determinante, visto que o ato não está ligado a uma noção de irreducibilidade.

Nessa oposição, há um diálogo com Immanuel Kant, filósofo alemão, em especial a obra **Crítica da razão pura**, que discorre para a razão como um fundamento sistemático do conhecimento, sem nenhuma consideração da experiência, do vivido. Assim, podemos compreender como há a noção de uma ciência, do plano teórico, concebido como *a priori*. Desse modo, Kant, na obra crítica da razão pura, comentou:

A unidade completa desse tipo de conhecimento, constituído de conceitos inteiramente puros sem que algo da experiência, ou mesmo da intuição particular que devesse conduzir a uma determinada experiência, tenham qualquer influência no sentido de entendê-la ou aumentá-la, é não apenas possível, mas necessária (Kant, 2015, p. 23).

Nessa acepção, podemos visualizar como o filósofo alemão estava pautado por uma perspectiva de razão como autossuficiente, já que a noção de uma pureza estava alicerçada justamente em preceitos, leis do conhecimento que se explicam por si mesmas. Em contraponto, Bakhtin fez suas críticas, já que esse domínio, proposto por Kant (2015), não

contempla o existir como evento único na concretude da vida, pois não tem a consideração do agir do sujeito. Em relação a isso:

A descoberta de um elemento a priori em nossa consciência não criou uma saída desde o interior do conhecimento, isto é, desde seu aspecto de conteúdo-sentido, em direção ao efetivo ato cognitivo-histórico-individual; não superou a sua separação e mútua impenetrabilidade, e para essa atividade transcendente foi preciso inventar um sujeito puramente teórico, historicamente inexistente, uma consciência em geral, uma consciência científica, um sujeito gnosiológico (Bakhtin, 2017a, p. 48).

Essa construção de um sujeito apenas constituído de ordem teórica é o ponto central da crítica bakhtiniana, visto que a consideração somente deste plano destitui um fator fundamental: o existir como evento único, logo, não abrange as singularidades de um ato historicamente situado, porque há um sujeito que exerce a ação, o geral, e o faz em um ato único irrepetível, individual.

Dessa forma, a crítica de Bakhtin está direcionada para a necessidade de se pensar em uma construção filosófica comprometida com um sujeito encarnado, com um agir situado historicamente e tem sua unidade composta pelo campo teórico em articulação com as condições concretas do existir: a realidade concreta. É com essa articulação que concebemos o ato, o qual incorpora o conteúdo-sentido e o real para a expressão em um ato único de um sujeito concreto.

Conforme Bakhtin (2017a, p. 49): “Qualquer que seja a tentativa de superar a dualidade entre consciência e vida, entre o pensamento e a realidade concreta singular é, do interior do conhecimento teórico, sem esperança”. Por isso, há uma expressiva crítica a filosofia da época, especialmente a esse sujeito kantiano, o qual não o considera em sua dimensão concreta, dado que o dissocia da vida, sendo concebido apenas do ponto de vista do plano do pensamento, da razão em sua imanência.

A proposta de Bakhtin é marcada pelo contraste: um sujeito ativo no processo do existir concreto é concebido de forma dinâmica, pois, é na realização do ato, com o estilo de cada sujeito, que se compreende um existir irremediável.

Nesse sentido, a perspectiva bakhtiniana compreende o sujeito na sua integralidade, o que nos permite pesarmos no seu reconhecimento de modo geral, o que demanda o eixo teórico, assim como clama pelos demais valores axiológicos que circulam na realidade concreta e singular. Pelo seu caráter responsável, concebemos esse sujeito a partir da

O intérprete de Libras LGBTIA+ na educação de pessoas surdas: o agir ético de um corpo transgressivo

existência, como evento único na vida, portanto, como alguém apto a responder, de forma responsável, nas relações que fazem parte da concretude da vida.

Em razão dessa valorização da vida como um evento do existir, temos a compreensão pautada na noção de um devir, em que não há como pensarmos em um sujeito passivo, pois a característica do sujeito bakhtiniano é o agir de forma concreta, composto por uma ação, já inscrita na vida, e um ato, quando há o aparecimento da eventicidade, as peculiaridades do aqui e agora. Essa junção é o que compõe o ato responsável, elaborado pelo autor russo.

Sobre o tipo de pesquisa: trata-se de uma pesquisa de campo, que a concebemos como dialógica. O estudo está focalizado em uma comunidade, não necessariamente geográfica, como aponta Gil (2002), com um olhar específico para alguma atividade humana de um determinado grupo. No caso desta pesquisa, o *lócus* é a Universidade do Estado do Pará (UEPA), especificamente o Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais na Amazônia (GELPEA), a partir dos intérpretes de Libras com atuação nesse grupo de pesquisa. Neste caso, um em específico, o participante desta investigação.

Também há o uso do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), documento necessário no momento de se reportar ao interlocutor que, “[...] deverá solicitar a cada informante que assine um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). O anonimato deverá ser garantido a todos os informantes e códigos e nomes fictícios serão utilizados no relatório” (Teixeira e Oliveira, 2010, p. 17). Dessa forma, ressaltamos o uso do documento como um procedimento indispensável para preservar, do ponto de vista da ética da pesquisa, a identidade do participante.

Para manter a coerência com o ponto de vista da ética em pesquisa assumindo neste trabalho, optamos por usarmos nome fictício, com a finalidade de preservar a identidade do participante.

Desse modo, com a aprovação do sujeito, apresentamos o trecho inicial da entrevista, o momento em que é solicitado que ele se apresente. Nas palavras do próprio participante, *“sou Rudá, um homem gay, negro, de cabelo cacheado, sou formado e licenciado em Letras-Libras, pela”* (Entrevista realizada em 13/07/2023).

Sobre a entrevista narrativa do participante: esta foi utilizada devido seu caráter de proporcionar um protagonismo ao sujeito. Assim, para Oliveira, Fonseca e Santos (2010),

[...] a entrevista torna-se relevante para a obtenção de dados de caráter subjetivo, principalmente na pesquisa qualitativa, na medida em que essa, ao estabelecer a relação de interdependência entre o sujeito e o objeto, destaca o sujeito, que tem papel fundamental no processo de investigação ao interpretar atribuindo-lhe significados (Oliveira; Fonseca; Santos, 2010, p. 38).

Na mesma linha de compreensão das autoras, a entrevista caracteriza-se por ser um procedimento metodológico fundamental, pois atribui ao sujeito uma posição de centralidade, o que implica pensar neste mesmo como o protagonista. Diante disso, a investigação científica privilegia o agir do sujeito em seu ponto de vista, uma vez que ao analisar os significados do que foi expresso, o exercício interpretativo estará orientado para contemplar a dinâmica das condições de produção com o que foi dito e por quem foi.

Sobre o uso da entrevista, destaco a semiestruturada, que “[...] parte de um roteiro pré-estabelecido, mas, na sua aplicação, o entrevistador pode acrescentar novas perguntas, conforme o teor da narrativa dos entrevistados” (Oliveira; Fonseca; Santos, 2010, p. 46). Desse modo, esse tipo de entrevista favorece a coleta de dados na sua concretude, porque ao não se restringir ao roteiro de perguntas, favorece que o pesquisador consiga apreender o aqui e agora, visto que pode redirecionar suas perguntas com o objetivo de abranger as temáticas que emergirem no momento.

Com relação ao roteiro de perguntas, destacamos que foram elencadas algumas perguntas, porém o curso da entrevista não necessariamente seguiu essa sistematização, pois algumas questões emergiram no momento e foram aproveitadas por nós. Concernente as perguntas já pré-selecionadas, foram:

- 1) qual é a compreensão que tu tens do teu próprio quando está em atuação?;
- 2) tua atuação como intérprete e tradutor de Libras é neutra?; tu achas que é impossível neutralizar teu corpo quando está em atuação?

Sobre o momento de ocorrência da entrevista: este foi realizada no dia 13 de julho de 2023, pela parte da tarde, na UEPA. Com relação as gravações das falas, foram feitas em um celular da marca Samsung S20 FE. Já posteriormente, foram realizadas as transcrições das gravações para a modalidade escrita da língua portuguesa, com respeito ao que o participante disse e como disse.

O intérprete de libras LGBTIA+: a concretude do agir ético

Nesta seção, temos por objetivo apresentar as análises, especificamente as falas do participante da pesquisa e discorrer sobre o modo como ocorreram os diálogos, conforme o curso analítico da realização da entrevista.

A seguir, a primeira pergunta endereçada ao participante:

Pesquisador (PE): Qual é a compreensão que tu tens do teu corpo quando está em atuação?

Rudá: Da minha interpretação a leitura que eu faço é profissionalismo, mesmo tendo os meus floreios, as minhas expressões muito marcantes, eu acho que a palavra que resume a minha tradução, aqui nesse momento e em outros momentos, é profissionalismo, neutralidade.

Observamos como há uma tensão mobilizada na resposta do participante, visto que ele argumenta para a existência de um “*profissionalismo*”, ainda que haja “*floreios*” na sinalização. No que tange o primeiro termo, destacamos como este está constituído por um discurso de retomada dos ideais expressos nos documentos oficiais, nesse caso, mencionamos “O tradutor e intérprete de Língua de sinais Brasileira de sinais e Língua Portuguesa” (Brasil, 2004), sendo uma publicação institucional do Ministério da Educação (MEC).

Trata-se de um documento com instruções para a atuação de intérpretes e tradutores de Libras, com explicações sobre os aspectos que compõe o ofício da interpretação e tradução da Libras para a Língua Portuguesa e da Língua Portuguesa para a Libras, com as questões de ordem técnica e as diretrizes de ordem ética. Para o diálogo com a materialidade de análise, buscamos o capítulo quatro, “código de ética”, que traz no tópico um, no seu segundo artigo, este excerto: “o intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo fazê-lo” (Brasil, 2004, p. 32).

Diante disso, relacionamos a noção de “imparcialidade” com o “profissionalismo” verbalizado pelo participante, pois há uma relação dialógica estabelecida com o documento, dado o seu caráter de autoridade no campo em destaque, por isso, compreendemos como essa voz institucional reverbera nos cursos de formação de intérpretes e tradutores de Libras como um aspecto relevante quando se pensa na constituição desses profissionais.

Assim, podemos visualizar como há uma constituição dialógica na fala do participante, embora ele reorganize o discurso, fale de outra maneira, mas está orientado discursivamente no mesmo sentido expresso pelo documento. No que se refere ao plano linguístico, o sufixo “ismo”, de acordo com Azeredo, “Sufixo de alta produtividade, deriva substantivos que designam: sistemas ou correntes de pensamento (religioso, político, filosófico): budismo, marxismo [...] Formas de expressão culturalmente características: modismo, provincianismo [...]” (Azeredo, 2008, p. 460).

A partir disso, visualizamos como há um movimento de adesão, por parte do participante, para a premissa da comunidade de profissionais intérpretes e tradutores de Libras: a defesa de uma “imparcialidade” do intérprete no agir profissional. Nesse caso, o uso do termo “profissionalismo”, advém do adjetivo profissional, em uma perspectiva designada de moral profissional ou ética profissional, tomando esta última como regra para ser seguida por uma categoria, que é assumida pelo uso do adjetivo profissional e do sufixo “-ismo” em “profissionalismo”.

Com isso, observamos como o participante tem um discurso em estreito diálogo com o postulado pelo documento orientador da atuação profissional da categoria, uma vez que atuar de maneira profissional é estar em acordo com os parâmetros estabelecidos pelo código de ética, sobretudo, o expresso no documento orientador de 2004. Com base nessa lógica de compreensão, constatamos o léxico usado pelo participante como um elo enunciativo instaurado em um discurso macro, a premissa assumida no campo de atuação, regulada pelo discurso do documento.

Sobre essa relação dialógica estabelecida, Bakhtin, no texto o discurso na poesia e o discurso no romance ([1930] 2017b), argumentou:

Ora todo discurso concreto (enunciado) encontra objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos (Bakhtin [1930] 2017b, p. 48).

Nesse sentido, não há como pensarmos em discursos autossuficientes, tendo em vista que todo enunciado recupera o discurso de outrem, de forma diversa, com um novo acento de valor, relacionado com a autoria. No caso do trecho analisado, constatamos isso no dizer

O intérprete de Libras LGBTIA+ na educação de pessoas surdas: o agir ético de um corpo transgressivo

do participante, pois há a recuperação de um discurso, o oficial, pela forma da língua, no entanto, com um novo acento de valor, conformado com o projeto discursivo do autor.

Esse fenômeno nos mostra como os elementos linguísticos não são imanentes, mas se constituem de maneira viva quando proferidos na concretude da vida, com um autor que a reelabora ideologicamente a partir de seus objetivos enunciativos. Desse modo, podemos compreender como a esfera de atuação profissional, concebida como um valor axiológico, está em diálogo com um sujeito “expressivo e falante” (Bakhtin, [1975-1979] 2017c), que está materializada esteticamente no enunciado, o qual está dotado de um conteúdo ético, de uma valoração exercida, responsavelmente, por um sujeito na vida.

Sendo, assim, a compreensão que ocorre pelo uso do termo “*profissionalismo*”, porém, consiste na mobilização, responsável, de como essa valoração é ordenada na unidade da responsabilidade de um sujeito que teve sua composição mediante o discurso do profissional “imparcial” como um aspecto preponderante, já que se trata de uma posição compartilhada por um grupo. Dessa forma, essa resposta pode ser compreendida como um ato responsável, porque concretiza uma valoração constituinte da concretude responsável do participante.

Com relação ao termo “imparcialidade”, contido no documento do MEC, problematizamos por se tratar de um elemento discursivo-enunciativo de retomada do discurso cristão-evangélico, do qual o ofício da interpretação e tradução de Libras é oriundo. Sobre essa base religiosa, Quadros (2019) fez a seguinte consideração,

As igrejas tiveram um papel fundamental na constituição da Libras como língua nacional. A Pastoral dos Surdos da igreja católica tem sua marca na história dos surdos brasileiros, assim como a igreja Luterana e a igreja Batista, além de outras instituições evangélicas (Quadros, 2019, p. 45).

Para além da questão dos intérpretes de Libras, observamos, conforme a autora, como o discurso cristão está presente na educação de pessoas surdas de modo geral. Isso já aponta a marcante presença de uma memória cristã nas práticas discursivas, nesse caso, nos dizeres do participante analisado, bem como nos documentos oficiais, como é o caso do documento citado.

Em virtude dessa herança discursiva, a pessoa surda, supostamente, era alguém sem alma, ideia vigente no período da Idade Média. As representações sociais da surdez vão se reelaborando com o decorrer do tempo, porém com a manutenção de uma lógica de controle,

principalmente com esse discurso cristão, de catequização ou evangelização de pessoas surdas, também revestida de um olhar paternalista. Portanto, as instituições religiosas exerceram uma forte influência no que tange as sociabilidades dessas pessoas.

Já falando especificamente sobre o surgimento do intérprete e tradutor de Libras, novamente, evocamos Quadros (2019) para situar o contexto em que emerge este ofício:

Diferentemente da Igreja Católica, os precursores luteranos da educação de surdos não apresentam apenas formação religiosa. Eles tinham também formação acadêmica no âmbito da linguística, da educação e da psicologia, o que cunhou uma perspectiva linguística aplicada à língua de sinais ampliada pela Igreja Batista em uma perspectiva transcultural, estabelecendo a relação entre língua e cultura com intuito missionário. Nesse panorama, emerge o profissional intérprete de língua de sinais, que passa a estar presente nas celebrações religiosas (Quadros, 2019, p. 47).

De acordo com o exposto, é no contexto cristão-evangélico que emerge o ofício de intérprete e tradutor de Libras, ainda que nesse momento, não possa ser visto, de fato, como uma categoria profissional. Mas, como uma atuação voluntariada: em prol da disseminação da palavra divina.

Tendo esse enunciado por base, retomamos a questão problematizada, o uso do termo “imparcialidade”, revestido de um teor apenas de ordem técnica, a princípio, mas com uma tensão implícita, a recuperação discursiva do ideal cristão-evangélico. Isso, porque a esfera religiosa, em uma perspectiva bakhtiniana, compreendida como campo axiológico, tem seus aspectos socioideológicos, com destaque para uma compreensão de gênero e sexualidade – aqui usado em distinção aos sexos biológicos masculino e feminino.

Essa lógica de entendimento do gênero está amparada, conforme a Bíblia, na noção binária: homem e mulher, sendo cada uma dessas categorias reguladas conforme determinados preceitos, assumidos pela Igreja e legitimados nas Sagradas Escrituras. Com isso, as formas de performar o feminino e o masculino são as formas clássicas postas na sociedade, em especial o de homem, sendo visto pela égide da virilidade e como um procriador, aquele que dá provimento para a família.

Por isso, qualquer aspecto dissonante disso será rejeitado com veemência pela Igreja. O intérprete e tradutor de Libras, por emergir nesse contexto socioideológico, foi pensado a partir dessa posição homogeneizadora. Não há como pensar em pessoas gays nessa posição, pois a igreja projeta, sobre os fies, logo, a heterossexualidade. Enquanto esse regime político,

O intérprete de Libras LGBTIA+ na educação de pessoas surdas: o agir ético de um corpo transgressivo

estará, também, como um aspecto – único e padrão aceitável – de composição desse profissional.

Dessa forma, visualizamos como esse aspecto da heterossexualidade está como um elemento constituinte no documento, sendo a “imparcialidade”, uma forma velada de validação do que deve ser o(a) profissional, nesse caso, como um argumento de autoridade, uma vez que está posto no documento da categoria, amplamente usado. Em uma perspectiva bakhtiniana, não há como conceber a língua destituída da vida, por isso, observamos como o termo está precedido por uma orientação ideológica, um discurso de manutenção da heterossexualidade, fator que retoma a memória discursiva dos ideais do cristianismo.

Nesse sentido, o termo analisado é compreendido como um enunciado concreto, pois sua constituição linguística materializa um projeto enunciativo: a manutenção da heterossexualidade como um elemento orientador no agir profissional dos intérpretes e tradutores de Libras, além de promover um diálogo com a vida real, visto que representa mais um espaço de exclusão para pessoas com performatividades de gênero às avessas, vistas como contrárias ao estabelecido como padrão.

Sobre o uso do termo “neutralidade”, questionamos o participante,

PE: Então, a tua ação como intérprete e tradutor de Libras é neutra?

Rudá: Quando eu falo de neutralidade/profissionalismo eu falo da tradução mesmo, da fala do palestrante, por exemplo, pra minha tradução. Quando eu falo em neutralidade e profissionalismo eu falo no sentido de não perder informações daqui e passar de forma íntegra pra cá, entende? Não de que eu me neutralize ou neutralize os meus trejeitos ou neutralize alguma coisa da minha identidade.

Observamos uma tensão presente na fala do participante, pois em um primeiro momento, há um discurso de distanciamento do próprio exercício da interpretação, como ele mesmo disse, como se no momento da atuação há uma separação do sujeito em sua dimensão concreta, o que constitui a unidade da responsabilidade bakhtiniana, em que os valores se articulam em torno de um sujeito vivo.

Dessa maneira, em um primeiro momento, observamos como a fala do participante expressa a atuação profissional dissociada dos demais valores que o constituem, como se a intersubjetividade fosse fracionada no momento da interpretação, sem diálogo com os outros planos axiológicos. Ou seja, uma atuação meramente mecânica, coisificada. Isso está

relacionado com uma postura despersonalizada, como se o corpo não estivesse inscrito em uma série de aspectos ideológicos.

Já em um segundo momento, há a instauração do contraste, porque o participante argumenta para a sua dimensão concreta, em que ele é composto por um conjunto de valores que são articulados para resultarem em um sujeito expressivo, que responde na vida, por meio do exercício profissional, de forma responsável por seus atos.

Nesse caso, compreendemos a dualidade no termo usado, dado que a neutralidade que ele utiliza, mais uma vez, não deixa de ser uma marca dialógica estabelecida mediante a sua constituição profissional, a qual compreende a assimilação dos discursos majoritários, como é caso do documento citado (Brasil, 2004), que preconiza uma suposta “imparcialidade”, problemática de ordem linguístico-discursiva, e, sobretudo, delicada, porque consiste em um acento de valor pautado na manutenção da heterossexualidade, marca deixada pelo discurso cristão.

Ainda nessa discussão sobre neutralidade, perguntamos novamente,

PE: *Tu achas que é impossível neutralizar teu corpo, quando está em atuação?*
Rudá: *Eu acho impossível me neutralizar, neutralizar a minha identidade, porque eu sou um ser em movimento, amigo; porque eu sou assim. [...] Por exemplo, se eu for olhar o Rudá intérprete religioso de 2015 pra trás, [ele] é totalmente diferente do Rudá de 2015 pra frente, porque aí [ele] se descobre gay, se assume como gay, se vê agora como pessoa negra, e aí tudo isso vai constituindo a minha identidade, então é meio que impossível de eu neutralizar isso, neutralizar os meus trejeitos. É algo impossível, porque, por exemplo, é o que constitui a minha fala; é o que constitui, a partir do momento em que eu tô traduzindo o discurso pra língua de sinais, só que do meu jeito, com a minha identidade, mas de forma íntegra, da fala dele pra cá, utilizando todos os parâmetros gramaticais da língua de sinais.*

Com isso, mais uma vez visualizamos a ocorrência de uma tensão no discurso do participante, porque há, em um primeiro momento, o reconhecimento de sua existência enquanto um sujeito integral, com sua inteireza, concreto, relacional, o que retoma a concepção bakhtiniana de sujeito: “O sujeito bakhtiniano é concreto e relacional; sua redução fenomenológica nunca é pura, porque ele vê o mundo sempre em termos de uma valoração que vem de sua situacionalidade e sua racionalidade, sua interconstituição com o outro” (Sobral, 2019, p. 75).

Com base na premissa apresentada, encontramos essa concretude na fala do participante, pois ele argumenta “Eu acho impossível me neutralizar, neutralizar a minha

O intérprete de Libras LGBTIA+ na educação de pessoas surdas: o agir ético de um corpo transgressivo

identidade, porque eu sou um ser em movimento [...]”, já com um posicionamento responsável diante da vida, por ressaltar a completude resultante de uma existência constituída pelas relações com o outro, o aspecto dialógico que instaura a existência em sua vivacidade.

Com relação a situacionalidade, constatamos no momento em questão, o exercício como intérprete de Libras, em que a constituição discursiva, expressa pelo participante, será construída em um diálogo com todas as axiologias que o constituem e estão, de forma dinâmica, produzindo sentidos. Assim, os sentidos são elaborados no que já foi expresso, em um repertório sociocultural do sujeito, mas em situações concretas da vida, portanto, únicas e irrepetíveis, em acordo com a concepção dialógica.

Também destacamos o ato responsivo do sujeito, que afirma, em primeira pessoa, “*eu sou um ser movimento*”. Com relação à constituição desse enunciado, podemos compreender a concretude da palavra, uma vez que o uso da primeira pessoa do singular foi um recurso linguístico efetuado para concretizar uma valoração. Nessa lógica de entendimento, podemos ressaltar esta expressão como um enunciado concreto, dada a sua relação, sónica e ideológica para a produção de sentido, em conformidade com a valoração do autor, nesse caso, o participante, com um posicionamento frente a um outro, no contexto da entrevista desta pesquisa.

Em outro momento, o sujeito-participante exemplifica essa concretude que o constitui: “*Rudá: Por exemplo, se eu for olhar o Rudá intérprete religioso de 2015 pra trás, [ele] é totalmente diferente do Rudá de 2015 pra frente, porque aí [ele] se descobre gay, se assume como gay, se vê agora como pessoa negra, e aí tudo isso vai constituindo a minha identidade [...]*”

Com essa resposta, podemos visualizar com bastante clareza a articulação de diferentes valorações em diálogo em torno de um sujeito, pois o autor, participante, posiciona suas experiências passadas, enquanto um centro de valor diferente das experiências a partir do ano de 2015, outro centro de valor.

Nesse sentido, observamos dois centros valorativos em diálogo, com tempos e espaços distintos, na construção de sentidos. Como valores axiológicos, temos a homossexualidade, a negritude, a constituição de um intérprete de esfera religiosa. Esses valores estão em movimento, pois ao estabelecerem uma simbiose, instauram um sujeito

concreto, que de maneira ativa, logo, responsiva e responsável, se posiciona na realidade concreta.

Salientamos como é interessante o aspecto dialógico, visto que o participante mobiliza essas diferentes valorações no seu agir profissional o que nos faz compreendermos como a sua atuação como intérprete de Libras não está destituída da vida, pois, ao fazer a interpretação de um discurso da língua portuguesa, na modalidade verbal, para a Libras.

A partir disso, ressaltamos para a identidade mencionada pelo participante, a qual se constitui em um processo de alteridade, portanto, o outro instaura no sujeito uma forma de agir, em diálogo com as circunstâncias da situação concreta. Essa relação da identidade na alteridade é esboçada pelo participante, quando faz uma comparação de suas experiências, ao mostrar como sua constituição como um intérprete de Libras de Igreja evangélica estava embasado por determinados valores.

Enquanto que ao se compor como um profissional que atua para além desse espaço religioso, ao transitar pelo espaço universitário e interpretar os mais diversos assuntos, sua constituição esteve em relação com diferentes sujeitos, o que contribuiu para a elaboração de outras intersubjetividades. Dessa maneira, a própria noção de corpo como um elemento estático é questionada por essa fala, uma vez que o participante expressa sua constituição dialógica concreta no agir da vida, nesse caso, sua atuação profissional.

No que diz respeito ao corpo enquanto instância de sentido, Butler (2003, p. 27) faz uma crítica na forma como o regime político heterossexual o concebe como “[...] um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então, como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma”. Como argumenta a autora, não pensar em um sujeito aprisionado em si, sendo um mero receptor de interpretações, apesar de ser colocado dessa forma na lógica da heterossexualidade compulsória.

Em uma perspectiva dialógica, o sujeito tem no diálogo com o outro um fator fundamental para a sua constituição e isso inclui a sua dimensão corpórea, que não está dissociada de sua inteireza. Quando pensamos na inteireza do sujeito, faz-se necessário pensarmos em sujeitos concretos, logo, corporificados, mas não só corpos como meros receptores de avaliações externas. Pelo contrário, são corpos que se instauram em sentidos tensos, nas relações, orientados por um ato responsivo, sendo, assim, em sua dimensão teórico-prática.

O intérprete de Libras LGBTIA+ na educação de pessoas surdas: o agir ético de um corpo transgressivo

Dessa maneira, o corpo do participante está situado em fluxo discursivo, como em um devir, sempre a produzir sentidos, quando em diálogo com um outro nas mais variadas situacionalidades da vida, em que terá momentos em que a homossexualidade reverbere mais, em outras, a negritude, porém, estas sempre estarão em articulação, nunca dissociadas, como valores autônomos uns das outros, pois o sujeito, no seu agir responsável, instaura a realização de um centro de valor que consiste na ressonância de todas essas valorações, que estarão expressas, no caso desta pesquisa, no agir do participante como um intérprete de Libras.

Nesse momento, observamos a instauração do contraste, verbalizado pelo próprio participante quando diz:

Rudá: [...] então é meio que impossível de eu neutralizar isso, neutralizar os meus trejeitos é algo impossível, porque, por exemplo, é o que constitui a minha fala; é o que constitui, a partir do momento em que eu tô traduzindo o discurso pra língua de sinais, só que do meu jeito, com a minha identidade, mas de forma íntegra, da fala dele pra cá, utilizando todos os parâmetros gramaticais da língua de sinais.

Um aspecto a ser destacado nessa fala, é o uso do conectivo de adversidade, “mas”, como um elemento de expressividade, pois ele está como um recurso linguístico de oposição no plano da língua e oposição no plano discursivo, visto que o dito anterior ao marcador discursivo vem apresentando uma posição, impossível de ser neutro, enquanto que após, há o dito de adesão ao discurso oficial, postulado pelo documento do MEC, de 2004.

Esse discurso, que recupera, discursivamente, a problemática da “imparcialidade”, já discutida, está materializada quando ele diz, “mas de forma íntegra”, de forma a demarcar uma espécie de autoafirmação frente a um campo profissional, uma validação de sua atuação como intérprete de Libras, que segue o discurso propagado entre os colegas. Até mesmo o uso dos aspectos gramaticais da Libras pode ser problematizado, pois do ponto vista assumido pelo participante – a integridade e a noção de imparcialidade – se constitui por um viés essencialmente técnico, assim, pautado em um uso da língua como sistema, já que alude apenas à forma e a estrutura gramatical.

Diante disso, visualizamos como o participante organiza seu enunciado em torno de um tom polêmico, pois traz a polaridade, duas posições enunciativas, tendo o elemento coesivo como um aspecto de demarcação desses dois posicionamentos, que constituem uma

tensão. Mais uma vez, ressaltamos como não há língua sem a concretude da vida, por isso, chamamos, amparados na acepção bakhtiniana, de enunciados concretos as marcas linguísticas projetadas para a expressão de um agir ético na vida.

Considerações finais

Constatamos que há uma tensão nos dizeres do participante Rudá, que se alternam, ora um ponto de vista em acordo com a premissa de “imparcialidade” assumida no documento oficial e ora com um ponto de vista transgressivo, no sentido de compreender a atuação profissional como um agir concreto, dado que não se dissocia dos valores que compõe sua alteridade. A partir disso, podemos visualizar como há uma constituição profissional baseada em valores diversos, visto que a sua constituição é dialógica, assentada em um embate: as diretrizes técnico-prescritivas e uma atuação profissional baseada na singularidade.

Essa noção de “imparcialidade” está relacionada com uma matriz discursiva de ordem cristã-evangélica, a qual remonta a emergência do ofício de intérprete de Libras, no espaço da igreja. Com isso, no decorrer dos anos, foi constituído um fluxo discursivo pautado na atualização dos valores cristão-evangélicos, o que segue incidindo no agir profissional do intérprete de Libras. Diante disso, ponderamos como a categoria segue orientada por uma noção que se caracteriza por uma dissociação, no momento da atuação, do corpo com os valores éticos que compõe o participante.

Embora haja esse discurso oficial, disseminado e legitimado pelo documento do MEC (Brasil, 2004), ressaltamos para a transgressão como um ato ético, que é representado pelo participante Rudá. Apesar de trazer em sua fala a premissa de uma suposta neutralidade, também apresenta sua concretude enquanto sujeito ativo, pois se posiciona como um intérprete de Libras que, ao exercer seu ofício, mobiliza sua intersubjetividade, o que compreende os valores que o compõe: de formação em igreja evangélica, gay, negro e universitário.

Com isso, então, argumentamos para a necessidade de revermos algumas discussões no campo dos intérpretes de Libras, não de modo a desconsiderar o código de ética, pois foi uma conquista dos profissionais e das comunidades surdas, em um movimento de legitimar a profissão. Mas, compreendemos que os tempos mudaram, hoje vivemos em um momento de pluralidade discursiva, o que é muito benéfico, pois os grupos historicamente marginalizados e violentados têm suas visibilidades reconhecidas.

O intérprete de Libras LGBTIA+ na educação de pessoas surdas: o agir ético de um corpo transgressivo

Diante disso, precisamos questionar alguns padrões estabelecidos e entendermos os discursos dos quais são oriundos. Já falando especificamente dessa noção de “imparcialidade”, é urgente que repensemos, enquanto comunidade profissional, qual é base que orienta essa premissa, uma vez que exclui, de forma velada, alguns corpos, como é o caso do participante gay e negro.

Ao invés disso, devemos pensar na atuação de um intérprete de Libras pautado por uma ação concreta na vida, de modo a agir responsável, o que implica na mobilização do seu corpo não como um mero instrumento de transmissão linguístico-discursiva, mas como um corpo “expressivo e falante” que se posiciona, a partir da atuação profissional, de forma ética.

Referências

- ALBRES, Neiva de Aquino; JUNG, Ana Paula. História dos intérpretes de língua de sinais no Brasil: de mãos missionárias á mãos profissionais. **Revista educação especial em debate**. v.8, n.15, p. 115-135, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/41575/27613>>. Acesso em: 20 nov. 2025.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João editores, 2017a.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução: Paulo Bezerra. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 47-78.
- BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da ed. Russa Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017c. p. 57-79.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRASIL. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em 13 jan. 2026.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução: Fernando Costa Mattos. 4.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; FONSECA, Maria de Jesus da Conceição Ferreira; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. A entrevista na pesquisa educacional. In: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno (org.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010. p. 37-53.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin**: roteiro de leitura comentado. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019.

TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. Cuidados éticos na pesquisa. In: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno (org.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010. p. 09-24.

Sobre os autores

Fábio Augusto Teixeira Rodrigues

Doutorando em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Membro no Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). Áreas de interesse: Estudos bakhtinianos, ensino de língua portuguesa para pessoas surdas, educação de pessoas surdas e Libras.

E-mail: fabiolibras16@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7175-0704>

Felipe Andrei dos Santos Dias

Licenciado Pleno em Letras - Libras pela Universidade do Estado do Pará (2020). Integrante do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA) da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Áreas de interesse: tradução e interpretação, língua brasileira de sinais - Libras, análise discursiva, alteridade, decolonialidade, singularidade do ser, estudos de gênero e surdez, terminologia e variação linguística.

E-mail: felipeandrei219@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3099-0725>

José Anchieta de Oliveira Bentes

Pós-doutor em educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013), doutor em Educação Especial (UFSCAR/2010). Professor adjunto da Universidade do Estado do Pará; atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) - Mestrado e Doutorado na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1134-3677>

Recebido em: 29/09/2025

Aceito para publicação em: 07/01/2026